

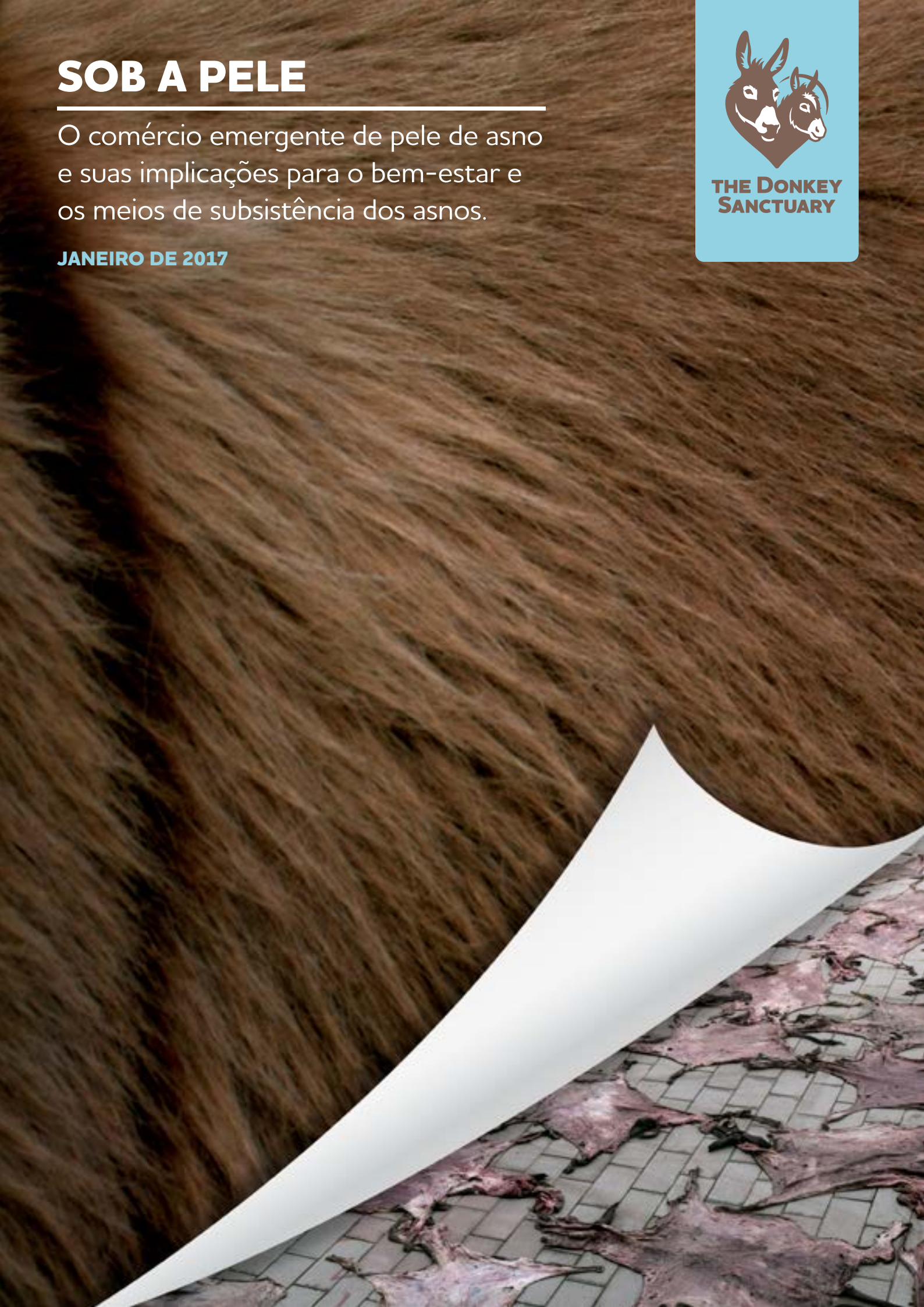
SOB A PELE

O comércio emergente de pele de asno e suas implicações para o bem-estar e os meios de subsistência dos asnos.

JANEIRO DE 2017



**THE DONKEY
SANCTUARY**



SUMÁRIO

PREFÁCIO DE MIKE BAKER	3
INTRODUÇÃO	4
O ASNO COMO UM ANIMAL DE PRODUÇÃO	6
O COMÉRCIO EMERGENTE DE PELE DE ASNO	8
O mercado para o Ejiao	8
A produção de Ejiao	8
A população asinina da China	8
IMPACTO SOBRE OS ASNOS DA ÁFRICA	10
PANORAMA DO COMÉRCIO DE PELE: UMA AMEAÇA GLOBAL AO BEM-ESTAR DOS ASNOS	16
IMPACTO SOBRE OS ASNOS DA ÁSIA	18
IMPACTO SOBRE OS ASNOS DAS AMÉRICAS	20
IMPACTO SOBRE AS POPULAÇÕES SELVAGENS	21
DESAFIOS DO COMÉRCIO	21
RISCOS AO BEM-ESTAR DOS ASNOS	22
Obtenção de asnos	22
Transporte	22
Abate (lícito e ilícito)	24
Impacto sobre os asnos remanescentes e seus proprietários	24
Intensificação da produção de asnos	25
Processos judiciais acerca do bem-estar dos animais	25
RISCOS PARA OS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA E O MEIO AMBIENTE	26
Impacto ambiental	26
Visibilidade dos asnos na legislação	26
CONCLUSÕES E NOSSA PRÓXIMA ETAPA	28
REFERÊNCIAS	30

PREFÁCIO DE MIKE BAKER



Você consegue imaginar como deve ser acordar um dia e descobrir que levaram o motor e as rodas de todos os carros de sua cidade? Nada de veículos: nenhum meio de transporte para você ou para qualquer membro de sua comunidade. Todos aqueles trajetos em que nem paramos para pensar – a correria para a escola, a ida diária ao trabalho, a ida ao supermercado – de repente se tornam tarefas árduas ou impossíveis.

Recentemente, em uma comunidade rural na Tanzânia, foi exatamente que aconteceu, só que os preciosos veículos não eram carros, e sim asnos. Ao acordar os moradores descobriram que todos os 24 dedicados animais haviam sido roubados, mortos e tiveram suas peles retiradas durante a noite. Um golpe devastador para a comunidade e uma forma horrível para que esses dedicados asnos morrerem.

Este é apenas um exemplo do impacto do comércio mundial de pele de asnos agora sobre o bem-estar dos asnos e os meios de subsistência de pessoas de todo o mundo. A atual demanda atual por peles é implacável, e por ser o principal ingrediente do premiado medicamento chinês tradicional chamado Ejiao, seus preços dispararam. Comunidades de todo o mundo correm o risco de empobrecer e perder a independência.

Nosso relatório revela a chocante escala desse comércio global à medida que compete para acompanhar uma demanda cada vez maior do produto. As populações de asnos não podem continuar a ser dizimadas, e as comunidades não devem ser privadas de seus únicos meios de sobrevivência. Medidas precisam ser tomadas de imediato para conter esse comércio, para o bem-estar dos animais e seres humanos.

A handwritten signature in black ink that reads "Mike Baker".

Mike Baker
Diretor Geral

INTRODUÇÃO

A população mundial de asnos é estimada em 44 milhões⁽¹⁾, e está relacionada em grande medida a países em desenvolvimento onde os asnos são animais predominantemente de trabalho. A função social, cultural e econômica do asno varia muito dependendo das comunidades em que vive e atua. Entre suas funções tradicionais e domesticadas estão o transporte de cargas e pessoas e a aragem, com funções menores nas áreas de entretenimento e produção de alimentos.

Embora a função do asno como animal de produção tenha sido evidente ao longo da história, com registros de carne e leite de asno valorizados pelos egípcios antigos⁽²⁾, o consumo de produtos de origem asinina foi limitado no século XX, com uma ressurgência verificada no século XXI.

Durante os últimos três anos, The Donkey Sanctuary tomou conhecimento de um interesse renovado no uso dos asnos como animais de produção, com a pele (muitas vezes chamada de couro), carne e leite como os produtos mais valorizados. A demanda mundial por diversos produtos de origem asinina disparou subitamente, com um interesse específico nos produtos diferenciados derivados da pele de asno.

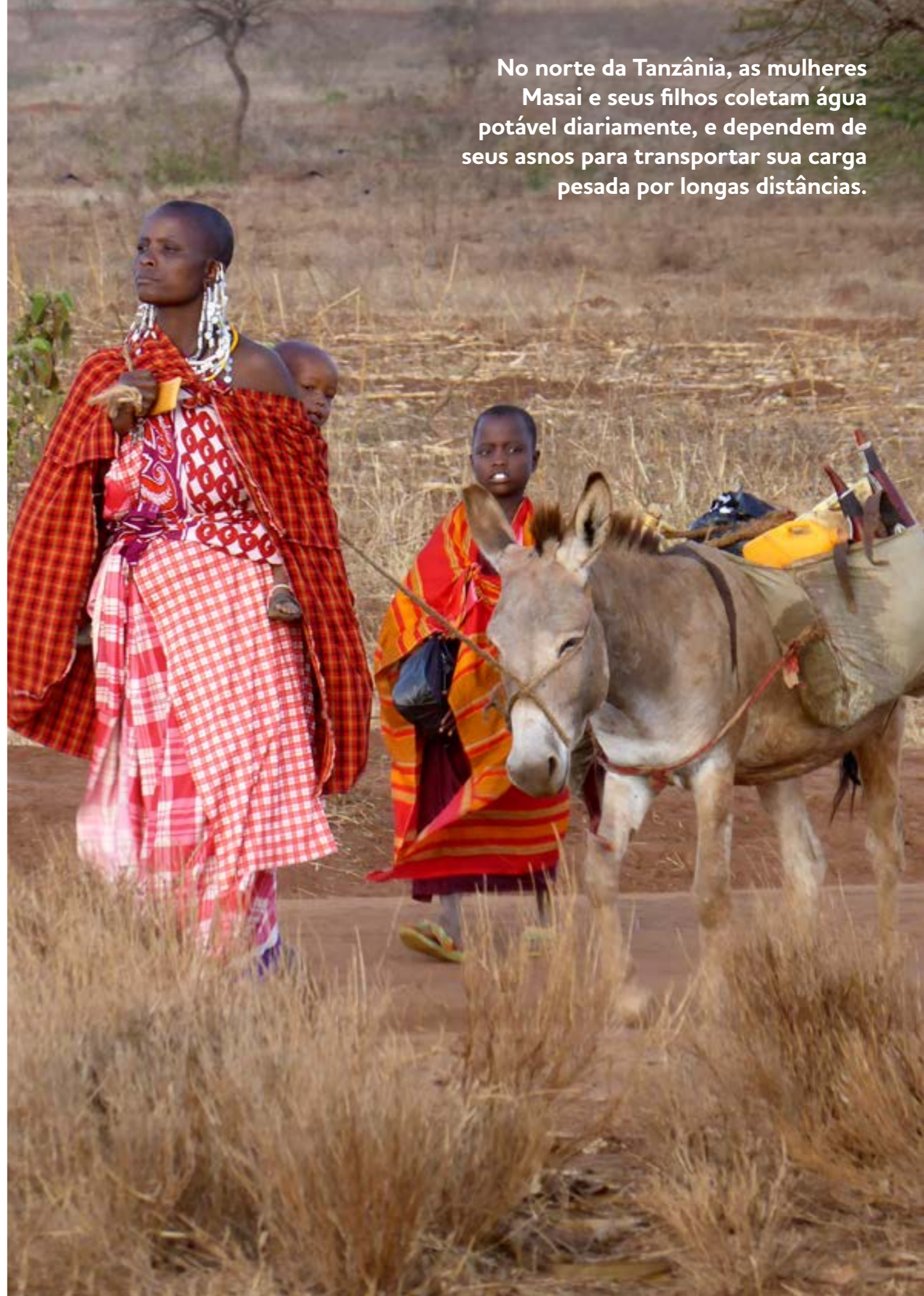
A escala deste comércio causou alarme em muitos setores da sociedade pelo mundo afora. Notícias generalizadas na mídia mundial descrevem danos ao bem-estar dos animais, ameaças à segurança dos meios de subsistência rurais e fraude alimentar. Até agora, poucas informações específicas estavam disponíveis, com evidências esparsas sobre questões importantes, como número de asnos abatidos, rotas comerciais, preços de produtos e condições de bem-estar dos asnos antes e durante o abate.

Este relatório apresenta um panorama da situação atual no que diz respeito em particular ao comércio de pele de asno e, em menor grau, ao comércio de carne afim. (The Donkey Sanctuary também oferece informações sobre a indústria emergente de leite de asno). O relatório em si é embasado por reportagens da mídia local e nacional de países que atuam no comércio de produtos de asno e por meio da rede global de parceiros de The Donkey Sanctuary. Com pouca legislação em vigor para a proteção dos asnos, proprietários de asnos, comerciantes primários e consumidores de produtos, informações limitadas estão disponíveis para as agências externas avaliarem e monitorarem o porte e a escala desse comércio.

AGRADECIMENTOS

The Donkey Sanctuary gostaria de agradecer de coração à sua rede de amigos, parceiros e colegas de todo o mundo que contribuíram com informações para este relatório e que defendem o bem-estar dos asnos diariamente. Devido à natureza reservada de suas informações, anonimizamos algumas contribuições para este relatório, o que em nada diminui suas valiosas contribuições. Continuaremos a apoiar e colaborar com os parceiros para enfrentar os desafios acerca do bem-estar dos asnos em todo o mundo.

No norte da Tanzânia, as mulheres Masai e seus filhos coletam água potável diariamente, e dependem de seus asnos para transportar sua carga pesada por longas distâncias.



O ASNO COMO UM ANIMAL DE PRODUÇÃO

Por ser o asno um animal de carga, sua função mudou muito pouco ao longo dos séculos. O asno continua a cumprir sua antiga função de transportar mercadorias para o mercado, arar a terra, buscar e transportar objetos domésticos essenciais ou puxar carrinhos^(3,4). Entretanto, ao longo de sua história como animal domesticado, o asno também tem sido usado para produzir produtos para consumo ou uso humano. Os produtos de origem asinina são altamente requisitados há muitos séculos, com os antigos egípcios valorizando o leite e a carne de asno⁽²⁾. Em tempos mais recentes, a carne de asno ainda é consumida por alguns grupos da África, onde é valorizada como uma fonte de proteína animal de baixo custo e prontamente acessível⁽⁵⁾. Até recentemente, a maior parte da carne de asno consumida na África foi proveniente do abate de asnos que estava velhos demais ou incapacitados demais para continuar a trabalhar. O consumo de carne de asno em algumas partes da China ainda é uma tradição popular e, por ser muito valorizada, acaba sendo cara⁽⁶⁾. Por outro lado, em muitas comunidades de todo o mundo o consumo de carne ou produtos de asno é tabu. Essa aversão pode ser devido à cultura local ou à doutrina religiosa, como na fé muçulmana, onde a carne do asno é considerada “haram” (proibida)⁽⁵⁾.

O que mais chamou a atenção nos últimos dois anos foi o surgimento do comércio global de pele de asno em grande escala, com estimativas de movimentação mínima de 1,8 milhão de peles de asno por ano. Por sua vez, a demanda global foi estimada de forma conservadora em até quatro milhões⁽⁷⁾, com algumas fontes registrando os limites superiores da demanda na China em 10 milhões de peles por ano⁽⁸⁾. A pele de asno é usada para produzir um medicamento tradicional chinês chamado Ejiao, também conhecido como Colla corii asini ou “cola de couro de asno”, feito à base de extratos de gelatina de asno na pele misturado com ervas e outros ingredientes, muitas vezes para formar uma barra gelatinosa, uma pílula ou um tônico⁽⁹⁾. O Ejiao é um remédio com raízes antigas, promovido como um produto digno de imperadores. São reivindicados inúmeros benefícios de saúde para os produtos, inclusive propriedades anti-envelhecimento, aumento da libido e redução de doenças dos órgãos reprodutores nas mulheres. Numerosos estudos científicos sobre modelos de mamíferos



© Copyright George Knowles Hong Kong georgeknowles@yahoo.com

foram publicados, em que os cientistas alegam os benefícios significativos para a saúde⁽⁹⁻¹¹⁾. Por exemplo, Wang et al.⁽⁹⁾ relatam que o “Colla corii asini (Ejiao) pode surtir o efeito de suprimir o processo de envelhecimento por meio do aumento da atividade antioxidante, eliminação de radicais livres e modulação da expressão gênica relacionada ao envelhecimento”. Da mesma forma, após identificar a base de micronutrientes do Ejiao, Wu et al.⁽¹⁰⁾ concluíram que o medicamento “têm o potencial específico de beneficiar pacientes com câncer que sofrem de mielossupressão por radioterapia ou quimioterapia”. O interesse dos chineses em verificar o modo de ação e oferecer evidências do sucesso do medicamento tradicional chinês suscitou numerosos estudos sobre o Colla corii asini, com avaliações amplamente disponíveis. Embora parte dos dados apresentados possam ser questionável, outros apresentam benefícios plausíveis em periódicos com revisão de pares⁽¹²⁾. O aumento da riqueza e da diáspora das classes médias chinesas, juntamente com a evidente credibilidade dos produtos Ejiao, parecem ter criado tal nível de demanda por peles de asno que a oferta global está lutando para acompanhar, ocasionando alta de preços e acusações generalizadas de fraude^(7,13). Esses altos níveis de demanda por parte do mercado chinês sem dúvida estão alimentando as notícias sobre o bem-estar e roubo dos asnos em todo o mundo, além de um súbito aumento no preço de compra desses animais. Os produtos de origem asinina são tão requisitados que o preço do Ejiao pode chegar a US\$ 375/kg.



Centenas de peles de asno secando ao sol como parte do processo de produção do Ejiao. Estima-se que a demanda global fique entre quatro e dez milhões de peles ao ano.

© Copyright George Knowles Hong Kong georgeknowles@yahoo.com

O COMÉRCIO EMERGENTE DE PELE DE ASNO

O MERCADO PARA O EJIAO

Embora o consumo de carne e leite de asno esteja aumentando, parece que a demanda por peles de asno é o fator determinante da escalada de abates de asnos em todo o mundo. Antigamente, na China, o Ejiao era privilégio da realeza, e era popular até o início do século XX. Como parte de tentativas posteriores feitas pelo governo para restringir a disponibilidade do Ejiao, foi adotada legislação em 1994 para fixar o preço dos produtos do Ejiao, levando a uma drástica diminuição da disponibilidade⁽¹⁴⁾. A rápida expansão das classes médias abastadas da China alimentou a demanda por medicamentos tradicionais chineses exclusivos ou de luxo, como o Ejiao, chifre de rinoceronte e peças de tigre que têm raízes históricas e que remontam a muitos séculos. A comercialização do Ejiao pela televisão e pela Internet, principalmente desde 2010⁽¹⁴⁾, aumentou o apelo a um público mais jovem e mais consumidor. Ainda que o grande mercado para o Ejiao esteja dentro da China, parece haver crescente interesse em produtos do Ejiao pelo mundo afora. Os noticiários destacam a disponibilidade de produtos que contêm Ejiao em lojas de medicamentos tradicionais chineses em Londres⁽¹⁵⁾, que são negociados livremente por plataformas de comércio internacional, como eBay e Amazon.

A PRODUÇÃO DE EJIAO

A produção e comercialização de produtos do Ejiao são realizadas por várias empresas chinesas, sendo a maior delas a Dong'e Ejiao, fundada em 1952. Atualmente, ela tem mais de 10.000 funcionários, processa mais de um milhão de peles por ano e tem ações cotadas na Bolsa de Valores da China⁽³⁾. Outras empresas menores e fabricantes de medicamentos tradicionais chineses mais generalistas ingressaram recentemente neste lucrativo mercado, sem dúvida acirrando a concorrência por matérias-primas e aumentando o risco de fraude envolvendo alimentos e produtos. A produção de Ejiao está se revelando cada vez mais mecanizada, com todos os aspectos da produção, abate e esfola até a produção de barras de Ejiao à base de modernas tecnologias. Por exemplo, em uma recente feira comercial realizada em Pequim, foi demonstrado um sistema de produção robótico que afirma reduzir os custos de produção por meio de métodos de redução da mão de obra⁽¹⁶⁾.

A POPULAÇÃO ASININA DA CHINA

Embora a demanda pelo Ejiao tenha aumentado na China, as autoridades agrícolas chinesas declararam que as populações asininas sofreram drástica redução, de cerca de 11 milhões em 1990 para cerca de seis milhões em 2014^(1, 17). Ainda que vários agricultores tenham tentado tirar proveito da crescente demanda por produtos asininos por meio da “asininocultura”, muitos tiveram dificuldade para gerar números adequados devido à baixa fertilidade dos asnos, sobretudo quando são criados intensivamente ou quando são usadas tecnologias como inseminação artificial⁽¹⁸⁾. Na verdade, sabe-se que os produtores de Ejiao fazem lobby e continuam a pressionar o governo para subsidiar e estimular os criadores de asnos chineses para abastecer o mercado de Ejiao e reduzir o déficit de oferta⁽³⁾. Do mesmo modo, entende-se que estão sendo feitas tentativas para melhorar a eficiência de reprodução e produção por meio do uso de inseminação artificial e reprodução seletiva⁽¹⁹⁾.

O surgimento dessa disparidade na oferta e demanda de peles de asno parece estar alimentando o respectivo comércio mundial emergente, que agora está gerando notícias de aumento das populações de asnos em todas as áreas do planeta. Com algumas estimativas da demanda chinesa de peles chegando a 10 milhões ao ano⁽⁸⁾ e uma oferta global estimada de 1,8 milhão ao ano, está bem evidente que a população mundial de asnos está altamente vulnerável a este mercado.



© Copyright George Knowles Hong Kong georgeknowles@yahoo.com



© Copyright George Knowles Hong Kong georgeknowles@yahoo.com

“ A produção de Ejiao está se revelando cada vez mais mecanizada, com todos os aspectos da produção, abate e esfola até a produção de barras de Ejiao à base de modernas tecnologias. ”

IMPACTO SOBRE OS ASNOS DA ÁFRICA

A enorme população asinina da África é um alvo importante para o comércio de peles. A história recente de cooperação entre os governos africanos e o governo da China – a China financiou a formação da União Africana⁽²¹⁾, e existem numerosos exemplos de acordos comerciais nacionais – contribuiu para fazer da China o maior parceiro de exportação e desenvolvimento da África Subsaariana⁽²²⁾. Em 2016, o comércio da África Subsaariana com a China representou aproximadamente 25% de todo o comércio, em comparação com apenas 2,3% em 1985. Abundam os relatórios

do comércio de peles de asno destinadas ao mercado chinês para a produção de Ejiao. Praticamente todos os países com populações asininas expressivas registraram um aumento no abate dos asnos para este mercado. Parece haver dois processos de abate: o abate em matadouros oficiais ou credenciados pelo governo⁽²³⁾ e o abate clandestino em pequena escala, que muitas vezes envolve asnos roubados⁽²⁴⁾. Embora as peles de asno pareçam ser o principal produto visado durante o abate, há notícias também de que a carne de asno pode ser um produto lucrativo por mérito próprio⁽²⁵⁾.

Além disso, qualquer compreensão do comércio no âmbito da África é complicada pelas sensibilidades religiosas que cercam o consumo de carne de asno – é considerado “haram” (proibido) pela fé muçulmana⁽⁶⁾. Ainda que estados predominantemente muçulmanos como o Mali deem a impressão de desestimular o abate de asnos e a comercialização de carne e produtos asininos⁽²⁶⁾, também estão sujeitos às mesmas pressões que outros países para explorar economicamente o comércio emergente de peles.



IMPACTO SOBRE OS ASNOS DA ÁFRICA

ABATE ILEGAL

EGITO

Há relatos de abate ilegal de asnos em áreas remotas em toda a África. A recente descoberta de 250 carcaças de asnos esfoladas no Egito⁽²⁷⁾ demonstra a escala do problema em um país onde o abate de asnos para a alimentação normalmente é considerado como inaceitável do ponto de vista cultural. As notícias vindas do Egito descrevem os preços diferenciados pagos para a aquisição de asnos e o aumento significativo de seu preço, bem como os benefícios do lucrativo mercado do “couro” na China⁽²⁸⁾. O governo egípcio recentemente tomou a decisão de permitir a exportação do couro de asno para a China para uso “medicinal”⁽²⁸⁾.

TANZÂNIA

A Tanzânia também registrou o abate em massa de asnos de carga roubados durante a noite de aldeias rurais⁽²⁴⁾. Membros da comunidade estão sendo treinados em segurança de asnos, e estão construindo complexos cercados seguros, financiados pelo The Donkey Sanctuary, para proteger os asnos durante a noite. As carcaças dos animais recuperadas mostram que apenas as peles foram levadas, com total descarte da carne. Há também notícias não confirmadas de que os asnos do norte da Tanzânia estão sendo levados para a Reserva Nacional de Animais de Caça de

Kigosi para abate e esfolagem, já que os criminosos têm menos propensão a serem pegos na reserva (comunicado pessoal anônimo).

Essas práticas podem indicar o nível de demanda pelas peles de asno na Tanzânia. No entanto, trata-se de um país onde a carne de asno já está sendo consumida por determinados grupos (comunicado pessoal anônimo) e há abatedouros mecanizados para asnos que receberam apoio dos governos locais e nacional.

ÁFRICA DO SUL

As organizações de bem-estar dos animais sul-africanas recebem regularmente notícias do abate de asnos em áreas rurais para a retirada da pele. O Conselho Nacional da Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais afirma que “os asnos estão sendo reunidos/roubados, depois transportados e brutalmente abatidos para a retirada de suas peles”⁽²⁹⁾. Pesquisas recentes sobre condições de maus tratos contra asnos que aguardam transporte e são transportados para abate dirigidos ao mercado de peles chinês levaram a processos judiciais bem sucedidos de pessoas ligadas à violação da Lei de Proteção Animal. Houve um caso recente sobre 70 animais doentes e emaciados que foram deixados para morrer de fome em Bloemfontein, em que o proprietário afirmou que “só estava interessado nas peles para exportar para a China”⁽²⁹⁾.



© Foto cortesia de MAWO, Tanzânia

Todos os 24 asnos de uma aldeia da Tanzânia foram roubados e mortos, e tiveram suas peles retiradas durante a noite, deixando a comunidade arrasada. Em resposta, The Donkey Sanctuary ajudou a financiar complexos cercados seguros para proteger os asnos durante a noite.



© Foto cortesia de MAWO, Tanzânia

IMPACTO SOBRE OS ASNOS DA ÁFRICA

ABATEDOURO APROVADO PELO GOVERNO

O comércio de produtos asininos credenciado pelo governo foi verificado na Namíbia⁽³⁰⁾, Botsuana⁽³¹⁾, Tanzânia⁽³²⁾ e Quênia⁽²³⁾, com outros relatos de abatedouros de asnos aprovados pelo governo nas regiões de Bishoftu e Asela.

ETIÓPIA

A Etiópia apresenta a maior população de asnos da África: cerca de 7,4 milhões. Dois abatedouros de asnos de grande escala de propriedade chinesa foram construídos em Debre Zeit (Bishoftu) e Asela, embora nenhum dos dois esteja em funcionamento ainda. O estabelecimento dos dois abatedouros de asnos é uma cooperação do governo etíope. O governo divulgou uma declaração à população sobre o potencial do comércio de pele de asnos para a China, mas as opiniões ainda se dividem e está em andamento um debate entre a população para saber se se trata de uma oportunidade comercial ou uma ameaça para as comunidades carentes que dependem desses animais. É provável que, no longo prazo, o comércio crie uma ruptura social e econômica em um país onde 83% da população vive na zona rural e o transporte de commodities depende principalmente dos asnos (comunicado pessoal anônimo).

QUÊNIA

Sabe-se também que foram criados abatedouros de asnos de grande escala no Quênia, com KSh 350 milhões (US\$ 3,4 milhões) injetados no abatedouro de Mogotio por investidores chineses⁽²³⁾, e no abatedouro de Naivasha por um investidor local. O licenciamento de abatedouros de asnos no Quênia revelou-se como algo controverso devido a tabus locais em torno do consumo da carne do animal. Esses problemas parecem ter sido superados apenas por meio da concessão de licenças "restritas à exportação"⁽²³⁾. Claro está que, embora os governos locais e nacionais do Quênia possam ter dificuldade com a opinião pública acerca do comércio de asnos, são atraídos pela geração de centenas de empregos e arrecadação de impostos diretos e indiretos, como o imposto de KSh 200 a KSh 300 (US\$ 1,90 a US\$ 2,90) por asno pago ao governo local de Nakuru no ato do abate⁽³³⁾. Do ponto de vista meramente macroeconômico, o governo queniano também teria aumentado o imposto sobre a exportação de couro cru de 40% para 80% em 2016⁽³⁴⁾.

BURKINA FASO

Há relatos de infrações graves cometidas por abatedouros de asnos relativos a dúvidas acerca do bem-estar e meio ambiente^(35, 36). Relatórios governamentais estimam que, em um período de seis meses, foram abatidos cerca de 45.000 asnos de uma população de cerca de 1,5 milhão⁽⁴⁾. Esses níveis de abate, as consequentes infrações ambientais e de bem-estar dos animais e a quase duplicação do custo de um asno (de US\$ 75 em 2014 para US\$ 135 em 2016) provocaram discussões sobre a regulamentação do abate nos escalões governamentais e, em agosto de 2016, o "Conselho de Ministros" proibiu a exportação de asnos e seus produtos⁽³⁷⁾.

NÍGER

O Níger enfrentou dificuldades expressivas semelhantes com a escala do comércio, com a exportação de mais de 80.000 asnos nos primeiros nove meses de 2016, em comparação com 27.000 ao longo de 2015⁽²¹⁾. Esse aumento da demanda teria ocasionado uma triplicação ou quadruplicação no custo de um asno. O governo do Níger tomou mais uma medida e anunciou a proibição absoluta de abate de asnos⁽³⁸⁾.

GANÁ

Embora o comércio de peles de asno não tenha transparência em alguns países, é mais aberto em outros. Relatos em dias de mercado em Gana indicam que os comerciantes estão comprando cada pele pelo equivalente a US\$ 122 (comunicado pessoal anônimo). Relatos internos de Gana sugerem que os atravessadores matam mais de 200 asnos por dia, e que tanto a carne quanto as peles são mercadorias valiosas, e há um mercado local em Gana para a primeira⁽³⁹⁾. Apesar disso, o Diretor de Serviços Veterinários recentemente anunciou que não havia "abatedouros de asnos credenciados para consumo público", e que havia "apenas um permitido para o abate para a exportação de couro"⁽⁴⁰⁾.

OUTROS ESTADOS

O comércio de produtos asininos parece ser generalizado em muitos outros estados africanos, com relatos de abate para a produção de pele e carne em Botsuana, Namíbia⁽⁴¹⁾ e Nigéria⁽⁴²⁾, e suspeitas de comércio no Zimbábue e Zâmbia. O comércio de produtos de carne e pele de asnos parece ser bem difundido na Nigéria, onde há a tradição do consumo da carne do animal e os preços são altos (em torno de US\$ 88 por carcaça), e as peles alcançam preços acima de US\$ 125⁽⁴²⁾.

Carcaças são curtidas em um abatedouro de asnos aprovado pelo governo.



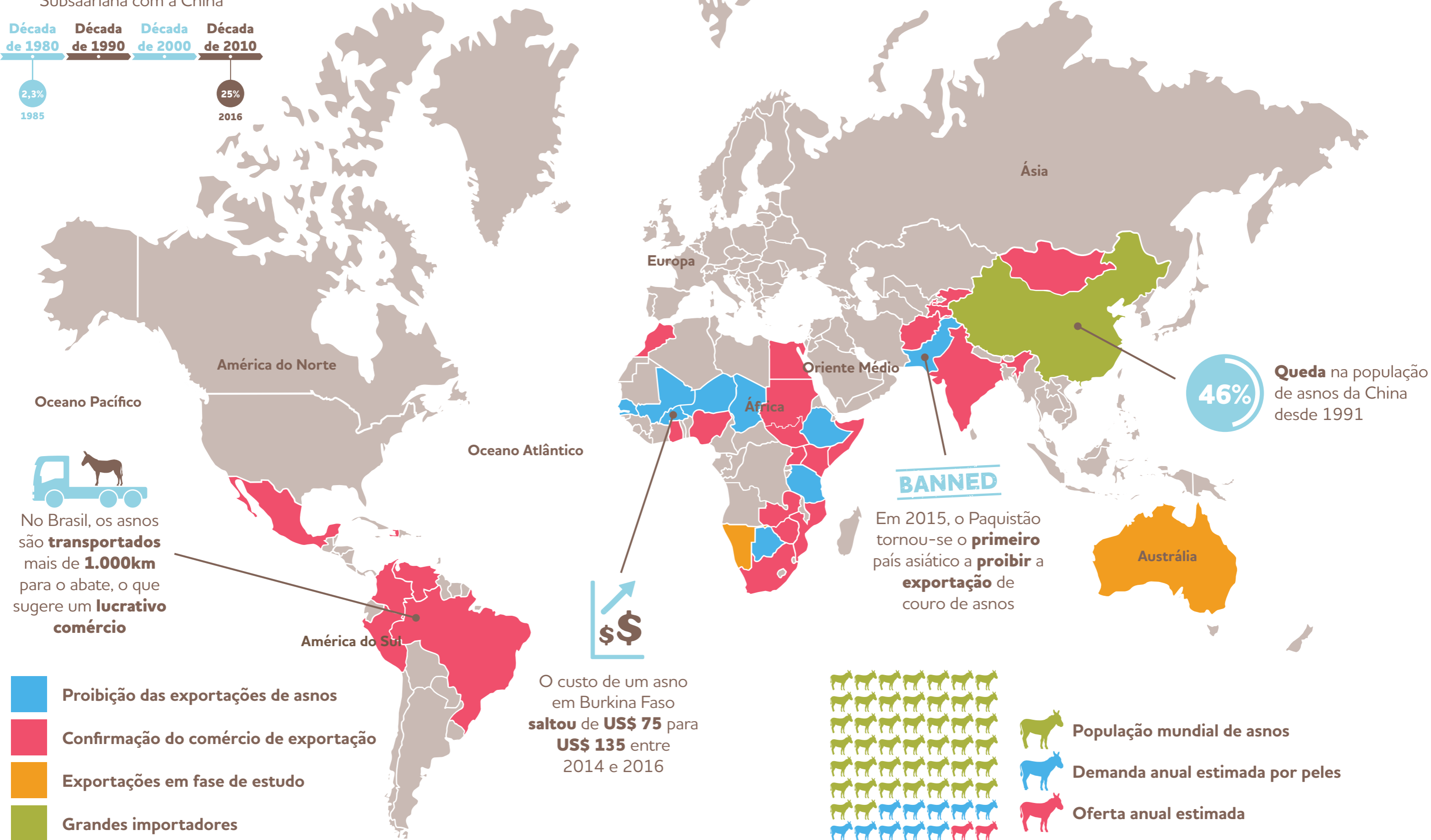
PANORAMA DO COMÉRCIO DE PELE: UMA AMEAÇA GLOBAL AO BEM-ESTAR DOS ASNOS

Comércio geral da África
Subsaariana com a China

Década de 1980 Década de 1990 Década de 2000 Década de 2010

2,3%
1985

25%
2016



IMPACTO SOBRE OS ASNOS DA ÁSIA

CHINA

Os dados indicam que a população de asnos da China diminuiu quase 50%. Essas reduções podem ser explicadas, em parte, pelo abate da população completa para a produção de peles e carne. Parece também que há um interesse renovado na asininocultura, muitas vezes em sistemas altamente intensivos. Há notícias de que o principal produtor de Ejiao, a Dong'e Ejiao, mantém uma fazenda com mais de 10.000 asnos criados principalmente para a produção de pele. Na fazenda, tenta-se criar animais maiores e de rápido crescimento para agilizar a disponibilidade do produto⁽³⁾. A China ainda teria uma população de seis milhões de asnos⁽¹⁾ e, embora muitos ainda possam ser empregados na agricultura de subsistência tradicional, é altamente improvável que a população não seja explorada posteriormente para o rentável mercado de pele e carne.

MONGÓLIA

Sabe-se também que a China está incentivando outros países da região, como a Mongólia, a considerar a criação de asnos para produção⁽¹⁹⁾. A Mongólia é um país com pouco histórico de uso ou criação de asnos, dando preferência ao gado e cavalos. Entretanto, a produção de asnos é cada vez mais encarada em pé de igualdade com os exuberantes mercados de criação de gado que satisfazem o apetite chinês por carne

bovina, e os lucros são quase duplicados no caso da criação de gado⁽¹⁹⁾.

PAQUISTÃO

O Paquistão é um país com cerca de 4,9 milhões de asnos. Até recentemente, era um importante exportador de peles de asno, tendo exportado 200.000 entre 2014 e 2016. Contudo, foram suscitadas grandes dúvidas sobre o aumento do abate dos animais, levando à venda fraudulenta da carne de asno como carne bovina para consumo público. Problemas de fraude como esse são gravíssimos neste país de maioria muçulmana, onde o consumo de carne de asno é proibido. Em resposta a preocupações generalizadas, o Paquistão foi o primeiro país asiático a proibir a exportação de peles de asno⁽⁴³⁾, com o objetivo de reduzir o impacto da entrada fraudulenta da carne de asno na cadeia alimentar humana. Apesar disso, o abate ilegal persiste⁽⁵⁶⁾.

QUIRGUISTÃO

Caminhões de asnos vivos estão sendo exportados do Quirguistão para a China. O abate ilegal existe há alguns anos, mas este comércio foi recentemente sancionado por meio de um contrato para a exportação de 4.000 asnos para a China. Comerciantes não identificados estariam pagando 10.000 soms (US\$ 147) em comparação com o valor de mercado local entre 3.000 e 4.000 soms (US\$ 44 a 59)⁽⁶²⁾.



IMPACTO SOBRE OS ASNOS DAS AMÉRICAS

MÉXICO

Apesar da suspeita de que as Américas fornecem um número significativo de peles para o mercado chinês todos os anos, há pouca informação ou evidência relativa à exportação legal de peles de asno partindo desta região. Contudo, grandes números de asnos estão sendo abatidos no México (provenientes do México e da fronteira com os EUA)⁽⁴⁴⁾; a carne de asno é valorizada pelo mercado local, onde é considerada uma iguaria⁽⁵⁾. As peles de asno aparecem anunciadas para venda de empresas mexicanas⁽⁴⁵⁾, mas parece não haver um impacto em larga escala na população de asnos local ou em números de asnos importados neste momento⁽⁴⁴⁾.

COLÔMBIA

Os dados da Colômbia documentam o abate ilegal de asnos de carga⁽⁴⁶⁾ para a retirada da pele, e sabe-se que mais de 50 asnos foram alvo disso recentemente. A descoberta de carcaças com a pele retirada e a carne intacta incentivou as suspeitas locais de que as peles estão sendo exportadas. A polícia local ficou tão preocupada que lançou uma campanha na região de Sucre chamada “Guarde seu asno”.

BRASIL

O Brasil parece ser uma fonte significativa de peles de asno dado os canais de exportação pré-existent para gado e carne bovina, e considerando uma população asinina de um milhão, inclusive uma grande população selvagem no nordeste do país⁽⁴⁷⁾. Descobriu-se uma remessa de 137 asnos um tanto suspeita por um percurso de mais de 1.000 km para o abate, com relatos de morte de 14 desses asnos em trânsito. Essa situação suscitou questões sobre o destino dos asnos: a menos que seja parte do lucrativo comércio de peles, esse transporte de longa distância não é viável, pois a carne de asno não é comumente consumida ou valorizada no Brasil⁽⁴⁸⁾. Mais informações de especialistas em bem-estar dos animais no Brasil indicariam que, embora não seja bem conhecida, a exportação de peles de asnos para a China é regular e expressiva (comunicado pessoal anônimo).



IMPACTO SOBRE AS POPULAÇÕES FERAS

POPULAÇÕES DE ASNOS SELVAGENS

Inicialmente, os asnos selvagens pareciam ser alvos atraentes para os comerciantes de peles desse animal, e supostamente houve abordagens aos governos da Austrália⁽²⁰⁾ e da América do Sul para “colher” as peles dos asnos selvagens. Isto talvez seja porque essas populações eram consideradas como recursos facilmente exploráveis sem proprietários de fato. Os asnos selvagens são vistos por muitos, inclusive alguns governos, como uma espécie “exótica” incômoda com pouco impacto positivo no ambiente local, tornando atraente a proposta de se lucrar com a comercialização da pele (o que por sua vez reduz o número de asnos selvagens). Embora tenha havido notícias infundadas do Brasil sobre a exportação de asnos e de um grande número de peles do animal, evidências mais claras estão disponíveis na Austrália, onde se entende que o governo

considera a exportação de produtos asininos para a China como merecedora de uma investigação mais aprofundada⁽²⁰⁾. Dados recentes do governo do Território do Norte da Austrália parecem corroborar a criação de asnos para o mercado de medicamentos tradicionais chineses, em vez de visar populações selvagens. Segundo esses dados, “a asininocultura pode ser viável como um negócio independente ou como um empreendimento complementar (sic) gerido em conjunto com a produção de gado”. Resta saber se a asininocultura em grande escala irá progredir, considerando que as populações selvagens são tão abundantes nesta região. Mais informações sobre as populações de asnos selvagens e as pressões que estão enfrentando em todo o mundo estão disponíveis no relatório “Feral Donkey Herds” (Rebanhos de asnos selvagens) de The Donkey Sanctuary.

DESAFIOS DO COMÉRCIO

O comércio de pele e carne de asno é uma crescente preocupação global em termos de bem-estar animal, saúde pública e estabilidade econômica, social e cultural. Essas questões são determinantes nos países em desenvolvimento, em que as comunidades têm uma forte dependência dos asnos como animais de trabalho. Infelizmente, os problemas são agravados pela dependência global, sobretudo a dos mercados emergentes, como os do Hemisfério Sul, diante do crescimento alimentado pela economia chinesa⁽⁴⁹⁾. As negociações do comércio chinês, em particular com os estados africanos, proporcionaram rotas legítimas e financeiramente atraentes para o comércio de produtos asininos, muitas vezes com rendimentos significativos para governos, intermediários e poderosas elites. Embora alguns possam se enriquecer com o comércio de produtos asininos, há graves preocupações em torno do bem-estar de muitos asnos abatidos como consequência desse comércio e para as comunidades empobrecidas que dependem deles como animais de trabalho.



RISCOS AO BEM-ESTAR DOS ASNOS

O bem-estar de qualquer asno durante e no final da vida é primordial, e deve ser a principal preocupação, assim como para qualquer animal produtor de alimentos⁽⁵⁾. Tristemente, não raro vemos registros de grave comprometimento do bem-estar dos asnos usados na produção de peles e carne^(3, 24, 29) durante a obtenção, transporte e/ou abate.

OBTENÇÃO DE ASNOS

Os asnos voltados para o fornecimento de carne ou pele para exportação para a China são obtidos de várias formas. Os asnos podem ser roubados de proprietários que cuidam bem deles e que reconheceram seu valor social e econômico. Outros asnos selvagens ou de propriedade particular podem ser comprados nos mercados pelos atravessadores que buscam lucrar com a retirada de remessas de asnos antes que sejam vendidos para abate legal ou ilegal. O estresse para os asnos decorrente do afastamento de outros asnos por quem têm apego, e muitas vezes seus atenciosos proprietários, reunidos em grupos estranhos, manipulados por estranhos e colocados em situações que estão mal preparados para lidar, compromete consideravelmente o bem-estar.

Desafios específicos também se apresentam quando os asnos são abatidos simplesmente por a retirada da pele, sem a valorização de sua carne. Isso ajuda a perpetuar o lucro maior que pode ser auferido pela compra de asnos doentes ou fracos a um preço mais baixo antes da venda para abate, pois a pele valerá o mesmo que a pele de um animal mais caro e mais saudável. A obtenção desses asnos impróprios sem dúvida provoca a intensificação do sofrimento e ao protelamento do morte. Também desestimula os proprietários e os comerciantes a manter os asnos com boa saúde e bem-estar, pois há pouca recompensa econômica positiva em manter os asnos em boas condições físicas e livres de doenças. Esses casos foram relatados na África do Sul⁽²⁹⁾, onde os asnos foram simplesmente deixados para morrer de fome antes do abate, pois suas peles eram tudo o que era considerado valioso, e a pele pode ser retirada independentemente das condições gerais do animal.

TRANSPORTE

O transporte para o abate é uma área de preocupação importante, com casos informados

de grandes remessas de asnos no Brasil (comunicado pessoal anônimo), Tanzânia⁽⁵⁰⁾ e África do Sul⁽²⁹⁾, e que foram interrompidos com vários asnos mortos ou agonizantes a bordo; em todos os casos, suspeitava-se que os asnos eram destinados ao abate para o comércio de peles, e pouca ou nenhuma consideração era dispensada a seu bem-estar. Com tantos “atravessadores” supostamente comprando asnos em grandes quantidades em toda a África e outras regiões, esses animais podem mudar de mãos várias vezes, serem vendidos por meio de mercados intermediários e ser objeto de transporte de longa distância (como os 137 asnos que teriam sido transportados ao longo de mais de 1.000km no Brasil). As condições durante o transporte oferecem pouca ou nenhuma oportunidade para os asnos descansarem, se alimentarem e se hidratarem. É exatamente esse o caso quando a pele é o único produto de valor no final da cadeia de produção. A legislação contra o abate de asnos em determinadas regiões é uma medida geralmente positiva, mas os governos devem ter consciência de que isso pode ocasionar o aumento das infrações ao bem-estar e da transmissão de doenças por meio do transporte internacional e de longa distância para que os comerciantes possam ter acesso aos mercados legais.

Embora não confirmados, houve relatos de exportação de asnos vivos para a China pela via marítima⁽⁵⁷⁾. Se o transporte vivo do Egito para a China avançasse, representaria mais de 20 dias no mar, sem contar o transporte rodoviário entre portos. Os asnos são uma espécie muito inteligente e um tanto sensível aos efeitos do estresse. Existe um forte risco de um grande número de fatalidades quando um grande número de animais é submetido ao estresse físico e emocional do transporte. A Organização Mundial de Saúde Animal publicou diretrizes para o transporte de animais por via marítima⁽⁵⁸⁾ como uma de quatro preocupações prioritárias para o bem-estar animal em todo o mundo. Embora as diretrizes sejam específicas em relação aos elementos técnicos, como as instalações dos navios, a manutenção de registros e o carregamento, não contemplam especificamente os asnos e, portanto, não abordam as dificuldades comportamentais e emocionais específicas que esse animal pode sofrer.

“ As condições durante o transporte oferecem pouca ou nenhuma oportunidade para os asnos descansarem, se alimentarem e se hidratarem. ”



ABATE (LÍCITO E ILÍCITO)

O abate de asnos para a produção de pele e carne ocorre em diversos ambientes, desde o abate de um único asno no fundo do quintal até o abate industrializado em larga escala de grupos obtidos por meios lícitos e ilícitos. Casos de roubo e abate ao natural são comuns^(24, 27, 46). Embora certa atividade de abate possa ser realizada com sofrimento limitado para o asno, é muito provável que a maioria desses abates seja apressada e realizada em ambientes inadequados por pessoas inexperientes e com tal proximidade de outros asnos que eles consigam ver e ouvir os abates. Em casos recentes na Tanzânia, os asnos foram conduzidos mais de 30km mato adentro, onde se suspeita que foram mortos por injeção letal com uma substância desconhecida antes de serem esfolados; o resto da carcaça foi deixado no mato⁽⁵⁰⁾.

Embora os abatedouros oficiais credenciados pelo governo possam parecer proporcionar um melhor bem-estar para os asnos que enfrentarão o abate, essas instalações e procedimentos ainda apresentam inúmeras oportunidades para o comprometimento de seu bem-estar⁽⁵⁾. Recentes imagens de vídeo para a promoção do abatedouro recém-inaugurado Goldox em Chemongoch, no Quênia⁽⁵¹⁾, mostram uma instalação moderna com taxa de produção declarada como 100 asnos por dia. Embora o estabelecimento pareça ter equipamentos modernos, as preocupações com o bem-estar são evidentes na filmagem que mostra um asno sendo arrastado para o abate por um laço de corrente antes de passar por um processo de atordoamento por uma pistola de abate. Quando essa má prática é divulgada abertamente, levanta a preocupação de que outros padrões deficientes de bem-estar possam ser aplicados a portas fechadas. Um número crescente de abatedouros de asnos está sendo construído e utilizado, principalmente na África Oriental. Ainda que os próprios abatedouros pareçam ser “moderníssimos”, as condições para prender os asnos antes do abate e fazer os animais se mover dão a impressão de ser insatisfatórias. Por exemplo, The Donkey Sanctuary foi informado pelos funcionários de um abatedouro de propriedade chinesa que os asnos eram “lavados com água fria” antes do abate para reduzir a perda de sangue (comunicado pessoal anônimo). Esses procedimentos causariam sofrimento a qualquer asno e, embora possivelmente melhorando a qualidade da pele, a lógica de se impedir a perda de sangue é questionável.

Em suma, o bem-estar antes e durante o abate é uma área importante de preocupação no comércio emergente de carne e asno. Áreas específicas em que podem surgir preocupações com o bem-estar:

- Compra no mercado do proprietário “principal”, sobretudo a compra de asnos doentes ou não saudáveis que podem ser impróprios para a continuidade do transporte ou cujo sofrimento deve ser encerrado por meio da eutanásia imediata.
- Mistura com outros asnos destinados ao abate em instalações precárias, com alta probabilidade de brigas, lesões, aflição e doenças.
- O transporte rodoviário subsequente para abatedouros lícitos ou ilícitos em veículos mal construídos e superlotados, com pouco ou nenhum acesso a alimentos e/ou água.
- Congregação de asnos nas instalações de abate, muitas vezes sem acesso a alimentos, água ou abrigo.
- Manipulação no abate e movimentação de indivíduos para o ponto de abate com meios desumanos, como picadas e arrasto.
- Atordoamento inapropriado ou inexistente antes do abate.
- Abate inadequado que provoca medo e dor antes da morte.

IMPACTO SOBRE OS ASNOS REMANESCENTES E SEUS PROPRIETÁRIOS

Embora as implicações de bem-estar dos asnos em processo de abate para a extração da pele e/ou carne muitas vezes sejam claras, há implicações para o bem-estar futuro dos animais de trabalho. Para cada asno de trabalho vendido no comércio de carne e peles, há um efeito dominó para outros animais de trabalho mobilizado para “preencher a lacuna”. Quando os asnos desaparecem das comunidades, é inevitável que os asnos remanescentes (ou outros animais de trabalho, como cavalos, mulas e bois) terão de desempenhar tarefas para as quais não são aptos (por exemplo, podem ser jovens demais, estar em processo de intensa gestação, ou ser velhos ou doentes). Nos casos em que não há outros animais de trabalho a quem se recorrer, inevitavelmente serão as mulheres e as crianças da maioria das comunidades que desempenham a função do asno. O provérbio etíope “Uma mulher sem um asno vira ela mesma o asno” resume bem isso.

INTENSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DE ASNOS

Parece estar surgindo outra tendência preocupante na asininocultura intensiva, sobretudo na China. Juntamente com tentativas de asininocultura intensiva, há notícias de esforços para produzir linhas genéticas maiores e com maturação mais rápida⁽³⁾. Quando a cultura de produção se intensifica, o bem-estar dos animais criados nessas condições raramente ou nunca melhora. As preocupações com o bem-estar dos asnos criados de forma intensiva devem ser consideradas como uma ameaça⁽⁵²⁾, que deve ser muito preocupante para os asnos mais valorizados pela pele e com valor limitado da carne.

PROCESSOS JUDICIAIS ACERCA DO BEM-ESTAR DOS ANIMAIS

Embora existam casos de ações judiciais contra aqueles que abusam de asnos destinados ao comércio de pele na África do Sul⁽⁵³⁾, há poucas outras investigações ou processos judiciais registrados apesar das numerosas denúncias de violações do bem-estar animal por fontes da mídia mundial. Existe uma evidente e decepcionante falta de preocupação nos níveis regional e nacional com o bem-estar dos asnos e as famílias e comunidades que eles sustentam. Isso ocorre apesar dos atuais esforços de muitas organizações para melhorar a compreensão da sensibilidade animal e a importância do bem-estar.



RISCOS PARA OS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA E O MEIO AMBIENTE

No dinâmico mercado emergente de asnos para produção, muitos indivíduos lucraram com a venda ou furto de asnos. Alguns proprietários de asnos podem ter se beneficiado verdadeiramente deste novo mercado para seu “produto”, mas é provável que muitos outros desconhecerão os efeitos devastadores desse mercado nos preços do asno e nas populações de asnos sustentáveis no longo prazo.

Tal foi a rápida expansão do mercado que muitas famílias desconheciam as implicações mais amplas do despovoamento local, nacional e continental de asnos. As comunidades cujo sustento depende dos asnos podem perder a capacidade de produzir ao optar por revender seus asnos, ao passo que outros perdem sua renda da noite pro dia pelo roubo de asnos que, devido às forças do mercado, posteriormente são de reposição bem mais dispendiosa.

Pesquisas estimam o valor econômico líquido de um animal de trabalho em até US\$ 2.272 por ano no Quênia, com renda líquida média de US\$ 330 por ano por asno de trabalho na Etiópia⁽⁵⁴⁾. Esses números, considerados em um possível período de vida útil de 20 anos para um asno, demonstram a incompatibilidade entre qualquer ganho de curto prazo com a venda de um animal de trabalho e o valor econômico em potencial desse animal em apenas um ano de trabalho.

Cabe observar também que o valor de um asno de trabalho não pode ser refletido tão-somente em seu valor monetário; os asnos desempenham uma função fundamental em suas comunidades, capacitando as mulheres, proporcionando liberdade para que as crianças estudem e se desenvolvam, e como um mecanismo para as comunidades carentes pouparem e autogerenciarem os riscos.

Nunca é demais enfatizar a importância dos asnos de trabalho. Sua valiosa contribuição para os meios de subsistência rurais é cada vez mais reconhecida por organismos internacionais como a ONU⁽¹⁾ e a OIE⁽⁵⁵⁾.

IMPACTO AMBIENTAL

Preocupações ambientais relacionadas ao abate mecanizado e ilícito continuam a ser levantadas em vários países, com casos de agitação local ligados à poluição ambiental por parte de abatedouros denunciados em Burkina Faso, Tanzânia e Etiópia. Tanto na Tanzânia quanto em Burkina Faso parece haver preocupações com a contaminação ambiental^(32, 35) em vez do bem-estar dos animais, o que levou à interdição de abatedouros de asnos e à consideração da proibição do abate em larga escala. Curiosamente, essas preocupações públicas com a possível contaminação ambiental têm sido um problema importante a ser equacionado antes da aprovação de um abatedouro de asnos por parte do governo na Namíbia. Os residentes de Okahandja estão sendo solicitados a participar de uma Avaliação de Impacto Ambiental relativa a uma proposta de estabelecimento de abate e processamento com vistas ao atendimento do mercado de exportação para a China⁽³⁰⁾.

VISIBILIDADE DOS ASNOS NA LEGISLAÇÃO

A falta de visibilidade do asno como uma espécie nos ordenamentos jurídicos de muitos governos acarreta a falta de capacidade para regular o dinâmico comércio de abate emergente. Paralelamente a estas restrições nacionais e regionais estão os próprios donos dos asnos; os asnos comumente são pertencentes às comunidades mais limitadas em termos de recursos e vulneráveis, com pouca voz ou acesso a decisores em instâncias mais elevadas. Essa marginalização deixa essas comunidades propensas a práticas comerciais antiéticas, furto e radicalização dos preços de mercado.



“ O valor de um asno de trabalho não pode ser refletido tão-somente em seu valor monetário. Os asnos desempenham uma função fundamental em suas comunidades, capacitando as mulheres, proporcionando liberdade para que as crianças estudem e se desenvolvam, e como um mecanismo para as comunidades carentes. ”

CONCLUSÕES E NOSSA PRÓXIMA ETAPA

CONCLUSÃO

O que antes era prerrogativa dos imperadores antigos tornou-se um produto de luxo do século XXI, promovido, vendido e distribuído em escala global.

A consequência disso é que entre quatro e dez milhões de asnos precisarão morrer todos os anos para atender à demanda do Ejiao, demanda essa insustentável, ao mesmo tempo que causa sofrimento em massa aos asnos e arriscando os meios de subsistência de milhões de pessoas que dependem deles.

Aldeias rurais da África até a América do Sul tiveram seus asnos roubados, abatidos e esfolados durante a noite, empobrecendo-os em um instante e, possivelmente, mudando suas vidas para sempre.

Esta demanda crescente resultou em aumento do preço dos asnos, tornando-os inacessíveis para as famílias e comunidades que mais precisam deles. As medidas tomadas por países como Burkina Faso e Níger para proibir o abate e a exportação de asnos para alimentar este comércio ressaltam o reconhecimento do quanto o comércio ameaça seu povo e suas economias.

E esse comércio, tanto em sua vertente lícita como ilícita, engendra uma cadeia de questões de bem-estar para os asnos em cada etapa, desde a obtenção até o abate, passando pelo transporte. Essas questões não podem ser ignoradas: o bem-estar dos asnos e seu valor real no sustento das pessoas estão em risco.

RECOMENDAÇÕES

- The Donkey Sanctuary clama pela interrupção do comércio de pele de asno para a produção do Ejiao até que o impacto do comércio possa ser avaliado e demonstrado como sendo humano para os asnos e sustentável para as comunidades que deles dependem.
- The Donkey Sanctuary insta os governos e a iniciativa privada a se juntarem a nós para promover a conscientização pública acerca do impacto desse comércio, para que os consumidores do Ejiao possam fazer uma escolha esclarecida.
- Em termos específicos, The Donkey Sanctuary insta os outros países afetados por este comércio a seguir o exemplo de Burkina Faso e Níger e proibir o abate e exportação de asnos para a produção de pele.
- The Donkey Sanctuary conclama governos e autoridades locais a unir esforços para auxiliar as comunidades afetadas, protegendo-as contra o comércio ilícito e impedindo a dizimação dos asnos por meio do comércio lícito.



REFERÊNCIAS

1. The Food and Agriculture Organization [Internet]. 2016. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#home>
2. Blench R. The history and spread of donkeys in Africa. *Donkeys, people and development*. 1997;22–30.
3. Knowles G, Gallagher I. Decimation of the donkeys: How 4MILLION animals are slaughtered every year to make Chinese “miracle” youth serum [Internet]. *Daily Mail Online*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3930644/Decimation-donkeys-4MILLION-animals-slaughtered-year-make-Chinese-miracle-youth-serum.html>
4. Monks K. China banned from buying donkeys [Internet]. *CNN*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2016/09/29/africa/china-african-donkeys>
5. Gregory NG, Grandin T. *Animal Welfare and Meat Production*. Grandin T, editor. CABI; 2007. 400 p.
6. Miao Q, Wang X, She L-N, Fan Y-T, Yuan F-Z, Yang J-F, Zhu X-Q, Zou F-C. Seroprevalence of *Toxoplasma gondii* in horses and donkeys in Yunnan Province, Southwestern China. *Parasites & vectors*. 2013 Jun 6;6(1):168.
7. Shortage of donkey skin breeds TCM fakes [Internet]. *China Daily*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/china/2016-01/28/content_23287841.htm
8. Wenqian Z. Dongeejiao Pharmaceutical to launch donkey food brands [Internet]. *China Daily*. 2015 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/business/2015-12/17/content_22734077.htm
9. Wang D, Ru W, Xu Y, Zhang J, He X, Fan G, Mao B, Zhou X, Qin Y. Chemical constituents and bioactivities of *Colla corii asini*. *Drug Discoveries & Therapeutics*. 2014 Oct 31;8(5):201–7.
10. Wu H, Ren C, Yang F, Qin Y, Zhang Y, Liu J. Extraction and identification of collagen-derived peptides with hematopoietic activity from *Colla Corii Asini*. *Journal of ethnopharmacology*. 2016 Abr 22;182:129–36.
11. Wu H, Yang F, Cui S, Qin Y, Liu J, Zhang Y. Hematopoietic effect of fractions of the enzyme-digested *colla corii asini* on mice with 5-fluorouracil induced anemia. *The American journal of Chinese medicine*. 2007 Jan 5;35(5):853–66.
12. Li Y, He H, Yang L, Li X, Li D, Luo S. Therapeutic effect of *Colla corii asini* on improving anemia and hemoglobin compositions in pregnant women with thalassemia. *International journal of hematology*. 2016 Nov;104(5):559–65.
13. Lv P, Zhao Y, Qi F, Zhou X, You J, Qin Y, Zhang Y. Authentication of Equine DNA from Highly Processed Donkey-Hide Glue (*Colla Corii Asini*) Using SINE Element. *Journal of Food and Drug Analysis*. 2011;19(2).
14. Mingrui H. Shanghai traditional medicines making a return [Internet]. *ECNS*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: http://www.ecns.cn/2016/11-11/233597_2.shtml
15. “Youth serum” from donkey skins found in UK food; Ejiao discovered in dried dates in London shop [Internet]. *Daily Mail Online*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3953644/Youth-serum-donkey-skins-UK-food-Ejiao-discovered-dried-dates-London-shop.html>
16. Mullin K. Tech Check: Donkey Gelatin Devices and Westworld-Esque Droids at Beijing’s World Robot Conference [Internet]. *The Beijinger*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.thebeijinger.com/blog/2016/11/01/tech-check-donkey-gelatin-spewing-devices-westworld-esque-droids-and-finding-nimo>
17. Starkey P, Starkey M. Regional and world trends in donkey populations. Starkey P, Fielding D, editors. *Donkeys, People and Development*. ATNESA; 2000. 10 – 21 p.
18. Oliveira JV de, Oliveira PV de LF, Melo e Oña CM, Guasti PN, Monteiro GA, Sancler da Silva YFR, Papa P de M, Alvarenga MA, Dell’Aqua Junior JA, Papa FO. Strategies to improve the fertility of fresh and frozen donkey semen. *Theriogenology*. 2016 Abr 15;85(7):1267–73.
19. Ruixue Z, Hui Y. Donkeys offer new source of wealth [Internet]. *China Daily USA*. 2015 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: http://usa.chinadaily.com.cn/epaper/2015-05/18/content_20749866.htm
20. Corrowa L. Donkey Business Potential of the donkey industry in the Northern Territory. 2016.
21. African Union opens Chinese-funded HQ in Ethiopia [Internet]. *BBC News*. 2012 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-16770932>
22. Pigato M, Tang W. China and Africa: Expanding economic ties in an evolving global context. *World Bank*; 2015.
23. Chege N. Government Approves Sh300 Million Donkey Slaughterhouse [Internet]. *Kenya.co.ke*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <https://www.kenyans.co.ke/news/government-approves-sh300-million-donkey-slaughterhouse>
24. Crisis as donkeys killed for skins in Tanzania [Internet]. *The Donkey Sanctuary*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <https://www.thedonkeysanctuary.org.uk/communities-face-crisis>
25. Botswana govt issues permits for donkey meat export [Internet]. *The Chronicle*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.chronicle.co.zw/botswana-govt-issues-permits-for-donkey-meat-export/>
26. Malkom S. Kolongo: A slaughterhouse in donkeys opencast [Internet]. *Mali’s News*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://malisnews.com/en/kolongo-abattoir-danes-a-ciel-ouvert-2/>
27. 250 donkeys “found flayed” in Sohag [Internet]. *Al-Dostor*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.dostor.org/1142470>
28. Donkey leather to be exported to China: official [Internet]. *Egito Independent*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.egyptindependent.com/news/donkey-leather-be-exported-china-official>
29. Massacre of Donkeys – latest victims of cruel trade in animal parts [Internet]. *NSPCA SA*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://nspca.co.za/massacre-donkeys-latest-victims-cruel-trade-animal-parts/>
30. Heita D. Namibia: Donkey Exports Planned for China [Internet]. *allAfrica.com*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201610050939.html>
31. Pheage T. Govt issues permits for donkey meat export [Internet]. *Mmegi Online*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.mmegi.bw/index.php?aid=62949&dir=2016/september/08>
32. Welfare team helps to close down donkey abattoir in Tanzania [Internet]. *The Donkey Sanctuary*. [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <https://www.thedonkeysanctuary.org.uk/blog/donkey-abattoir-closed-down>
33. County Government of Nakuru draft finance bill. 2016.
34. Kenya’s Hides, Skins fetch higher export tax [Internet]. *Kenya Leather Development Council*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.leathercouncil.go.ke/?p=564>
35. Hien R. Where have all the donkeys gone? Burkina Faso’s export dilemma [Internet]. *Phys.org*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://phys.org/news/2016-07-donkeys-burkina-faso-export-dilemma.html>
36. Burkina Faso bans donkey skin exports, affecting Asian trade [Internet]. *BBC News*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-37035229>
37. Olusayo B. Burkina Faso Bans Export of Donkey Meat [Internet]. *How Africa News*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://howafrica.com/burkina-faso-bans-export-donkey-meat/>
38. Dunlop F. Niger bans the export of donkeys after Asian demand [Internet]. *BBC News*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-37286811>
39. Canacoo EA. Utilisation of donkeys in southern Ghana. Starkey P, Fielding D, editors. *ATNESA*; 1994.
40. Public advised not to eat donkey meat [Internet]. *The Ghanaian Times*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.ghanaiantimes.com.gh/public-advised-not-to-eat-donkey-meat>
41. Namibia: Chinese Businesses Want Namibian Donkeys [Internet]. *allAfrica.com*. 2014 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201411030332.html>
42. Yúsuf VA, Ibrahim YA, Hamagam AM, Onuchukwu B. Chinese are going gaga for Nigerian donkeys [Internet]. *Daily Trust*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.dailytrust.com.ng/news/general/chinese-are-going-gaga-for-nigerian-donkeys/130348.html>
43. Rana S. Government bans export of donkey meat, hides [Internet]. *Tribune*. 2015 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://tribune.com.pk/story/950242/government-bans-export-of-donkey-meat-hides/>
44. Langenegger J. US to Mexico Weekly Livestock Export Summary [Internet]. *East Central Iowa Cooperative*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.ecicoop.com/news/story.php?id=2306423>
45. Global Trading Ventures, Medical Implements, Mexico [Internet]. *List of companies world wide*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: http://www.listofcompaniesin.com/Global_Trading_Ventures_Company_1010219.html
46. They report slaughter of donkeys in Sucre to steal their skins [Internet]. *Primer Noticias*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://primeronoticias.com.co/2016/04/20/denuncian-matanza-de-burros-en-sucre-para-robarse-sus-pieles/>
47. Blakeway S. The Multi-dimensional Donkey in Landscapes of Donkey-Human Interaction. *Relations*. 2014 Jun 16;2(2.1):59–77.
48. Brazilian Northeastern Donkey: From “Best Friend” To Plague [Internet]. *plus55*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://plus55.com/culture/2016/10/brazilian-northeastern-donkey>
49. Biswas R, Mendez A. The Long Crisis Facing Emerging Markets : A Roadmap for Policy Reforms. 2016.
50. Tanzania: Transport Permits Banned As Donkey Meat Trade Soars [Internet]. *allAfrica.com*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201611100088.html>
51. Ngugi A. Kenya’s first donkey slaughterhouse [Internet]. *Africanews*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.africanews.com/2016/11/07/kenya-s-first-donkey-slaughterhouse/>
52. Baker M. A new farm animal? [Internet]. *Write You*. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://www.writeyou.co.uk/a-new-farm-animal>
53. Guilty! Four sentenced in donkey horror case [Internet]. *NSPCA SA*. [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: <http://nspca.co.za/guilty-four-sentenced-donkey-horror-case/>
54. Valette D. Invisible Workers: The Economic Contributions of Working Donkeys, Horses and Mules to Livelihoods. 2015.
55. World Organisation for Animal Health (OIE) [Internet]. 2016 [citado em 30 de novembro de 2016]. Disponível em: http://www.oie.int/index.php?id=169&L=0&htmfile=chapitre_aw_working_equids.htm
56. Thefts and smuggling of donkey hides persists in Pakistan [Internet]. *International Leather Maker*. 2016 [citado em 15 de novembro de 2016]. Disponível em: http://internationalleathermaker.com/news/fullstory.php/aid/3416/Thefts_and_smuggling_of_donkey_hides_persists_in_Pakistan.html
57. Agricultural Ministry mulls exporting 10,000 live donkeys to China [Internet]. *Egypt Independent*. 2016 [citado em 14 de dezembro de 2016]. Disponível em: <http://www.egyptindependent.com/news/agriculture-ministry-mulls-exporting-10000-live-donkeys-china>
58. Transport of Animals by Sea [Internet]. *World Organisation for Animal Health*. 2005 [citado em 14 de dezembro de 2016]. Disponível em: www.oie.int/index.php?id=169&L=0&htmfile=chapitre_aw_sea_transpt.htm
59. Chinese businessman receives permit to export 4,000 donkeys from Kyrgyzstan to China [Internet]. *AKIpress*. 2016 [citado em 16 de dezembro de 2016]. Disponível em: <http://akipress/news:586463/>
60. Losing their asses: China trade deals deplete global donkey population [Internet]. *Animals 24 – 7*. 2016 [citado em 23 de dezembro de 2016]. Disponível em: <http://www.animals24-7.org/2016/12/23/losing-their-asses-china-trade-deals-deplete-global-donkey-population/>
61. Les Chinois veulent la peau de l’âne africain [Internet]. *L’édition du soir*. 2016 [citado em 20 de dezembro de 2016]. Disponível em: <http://www.ouest-france.fr/leditiondusoir/data/894/reader/reader.html#!preferred/1/package/894/pub/895/page/6>
62. Kyrgyz concerns about donkey exports to China [Internet]. *BBC News*. 2016 [citado em 16 de dezembro de 2016]. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/blogs-news-from-elsewhere-38347330>
63. Contrabando piel burro terroristas ocultar minas [Internet]. *HispanTV*. 2017 [citado em 09 de janeiro de 2017]. Disponível em: <http://www.hispantv.com/noticias/afghanistan/329616/contrabando-piel-burro-terroristas-ocultar-minas>
64. The mass slaughter of donkeys in Sogd. For what? [Internet]. *Avesta Information Agency*. 2017 [citado em 16 de janeiro de 2017]. Disponível em: <http://avesta.tj/2017/01/13/massovij-zaboj-oslov-v-sogde-dlya-chego/>
65. From donkeys to dried scorpions [Internet]. *Al Arabiya*. 2017 [citado em 25 de janeiro de 2017]. Disponível em: <http://english.alarabiya.net/en/variety/2017/01/24/From-donkeys-to-dried-scorpions-the-tale-of-Chinese-imports-from-Africa.html>

Taxa de câmbio usada para conversões cambiais correta em julho de 2017

THE DONKEY SANCTUARY

Slade House Farm, Sidmouth, Devon EX10 0NU, Reino Unido

T [44] (0)1395 578222 **F** [44] (0)1395 579266

E enquiries@thedonkeysanctuary.org.uk

www.thedonkeysanctuary.org.uk

The Donkey Sanctuary foi fundada pela Dra. Elisabeth Svendsen MBE em 1969.
The Donkey Sanctuary (número de instituição de caridade 264818) e seu único fideicomisso, The Donkey Sanctuary Trustee Limited (Número empresarial: 07328588), têm sua sede social sito à Slade House Farm, Sidmouth, EX10 0NU.

Instituições de caridade vinculadas: The Elisabeth Svendsen Trust for Children and Donkeys (EST);
The International Donkey Protection Trust (IDPT).